

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO E LEITURA:
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA
E CRITICIDADE DOS ALUNOS EGRESSOS DO PROEJA /2015
(IFNMG CAMPUS JANUÁRIA-MG)**

*Soraya Rocha Melo**

*Denise Aparecida Brito Barreto***

RESUMO: Esta investigação do tipo *ex-post facto* buscou compreender as práticas de letramento utilizadas pelos docentes que ministraram aulas em diferentes disciplinas no PROEJA, no contexto do Curso Técnico em Comércio do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, Campus Januária, em 2015. Destacou-se a grande responsabilidade do Instituto quanto ao letramento e a possibilidade de formação de futuros leitores, questionando as práticas utilizadas pelos docentes, a relação dessas práticas com a prática docente, as condições criadas para tal fim e a capacidade de fomentar nos alunos a criticidade em relação ao mundo e a própria leitura e escrita. Como instrumento para realização desta pesquisa optou-se pelo questionário, instrumento aplicado a seis (6) docentes do curso Técnico em Comércio do IFNMG, Campus Januária- MG. A Análise de Conteúdo, proposta por Bardin, foi utilizada para analisar os resultados da pesquisa que nos apontou fragilidades com relação ao conhecimento de letramento, pelos docentes e, conseqüentemente, o trabalho realizado em sala de aula. A percepção de letramento na perspectiva de prática social, deveras restrita para os docentes, aponta que não foram desenvolvidas discussões e trabalhos que propiciassem a formação de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Práticas de leitura; PROEJA.

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sul da Bahia (Uesb).

** Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Pós-doutorado em Educação na FPCE, Universidade de Coimbra.

Introdução

O PROEJA é um programa preocupado com a formação profissional e humana do sujeito e a sua inclusão social de forma integral, responsável, crítica e as práticas de letramento são ferramentas indispensáveis para que o educando consiga ingressar no mundo do trabalho, construindo uma visão crítica e consciente do ser social. Para tanto, a leitura e a escrita devem ser uma constante na sala de aula, pois só se aprende ler lendo e escrever, escrevendo. Nessa seara, apontamos a importância do letramento, também, com a utilização da leitura e escrita como prática social.

As dificuldades de se trabalhar com leitura e escrita, detectadas com os discentes do PROEJA, não são problemas específicos desse grupo, elas se estendem também para a educação regular, dos anos iniciais do ensino fundamental à universidade, e esses resultados impactam, negativamente, nos índices de avaliação do ensino no Brasil. Essa comprovação pode ser aferida nos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, que sofrem críticas a respeito da eficiência dessas avaliações, por serem padronizadas e não considerarem as especificidades regionais e escolares, desconsiderando a realidade histórica social. Não podemos ignorar que esse resultado traduz uma leitura “da realidade escolar do Brasil”. Portanto, o que se pretende é chamar a atenção para a importância da leitura e da escrita, na perspectiva do letramento, especificamente neste caso, no espaço da Educação de Jovens e Adultos, pois, o discente, ao fazer o seu uso de forma crítica, terá a oportunidade de entender melhor o mundo, a vida, o contexto social, político e econômico.

O domínio e o entendimento da leitura enquanto prática social capacitará o sujeito a se inserir de forma competente em uma sociedade cada vez mais grafocêntrica. Antes mesmo de o sujeito entrar na escola ele já tem contato com a leitura no seu cotidiano, através de rótulos, faixas, cartazes etc. Ler essas múltiplas linguagens é algo necessário para o homem do mundo atual, para tanto, é indispensável compreender em que consiste o ato de ler, pois o processo de leitura só tem sentido quando o pensamento e a linguagem atuam

em consonância com o leitor na busca de significado para o texto, o que identificamos como letramento. Assim, a leitura nos é apresentada numa concepção interativa, onde o leitor/aprendiz dialoga com o texto/autor a partir dos seus conhecimentos de mundo, dos conhecimentos sobre o texto e das finalidades às quais faz a leitura. É importante entender que a leitura permeia todo o processo do ensino e aprendizagem e que o seu domínio é fundamental na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois ela possibilitará a melhor compreensão do mundo, e um posicionamento crítico em meio a sociedade em que vive, portanto, de tudo que faz parte de seu universo.

Por tal importância da leitura, não cabe somente ao professor de Português a responsabilidade de desenvolver essa prática. Todo educador é um agente de letramento, sendo importante a sua familiarização com metodologias voltadas para estratégias facilitadoras da compreensão leitora, para que os alunos construam habilidades de leitura como ferramenta de apreensão do conhecimento.

O ato de ler traz consigo uma intencionalidade que se bem trabalhado tem o poder de instigar no aluno seu senso crítico, sua inquietação e questionamentos. Para atingir esta competência leitora, os educadores devem se apropriar em suas práticas de leitura de uma atitude sociointeracionista, pois a aprendizagem ocorre a partir do diálogo do educando com contextos históricos, sociais e culturais, entendendo que a leitura vai além da decodificação do código (linguístico ou não), utilizando saberes e habilidades diversificadas.

Os variados campos da pedagogia, assim como das ciências da linguagem, entrando pelos princípios da pedagogia freireana, pela linguística textual, análise do discurso, semiótica, perspectiva de gêneros discursivos, dentre outras áreas afins, vêm discutindo os conceitos de sujeito, de leitor, de leitura, de texto e de ideologia, letramento trazendo aportes teórico-metodológicos para professores que atuam nos espaços escolares. É preciso que educadores, gestores e demais segmentos da educação se sensibilizem sobre o quanto é importante discutirmos sobre a leitura e o letramento, e proponham ações visando desenvolver nos educandos atitudes leitoras e o prazer em ler.

Nesse sentido, esta pesquisa busca compreender as práticas leitoras utilizadas pelos docentes que trabalharam com diferentes disciplinas no PROEJA, no contexto do Curso de Comércio do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais -IFNMG, Campus Januária e quais as contribuições dessas práticas voltadas para o letramento na construção de uma consciência crítica em relação ao mundo e a própria leitura e escrita dos alunos egressos.

Para atingir estes objetivos fez-se necessário refletir acerca de alguns questionamentos que motivaram o desafio da construção deste trabalho: O que são práticas leitoras no contexto do curso de comércio do PROEJA-IFNMG? Tais práticas tiveram como foco o letramento? Essas práticas foram capazes de construir uma consciência crítica em relação ao mundo e a própria leitura e escrita?

O objetivo geral estabelecido para essa pesquisa buscou compreender as práticas leitoras desenvolvidas, pelos professores, para a formação da criticidade e autonomia dos alunos egressos do PROEJA do Curso Técnico em Comércio 2015, a partir da noção de letramento.

No processo investigativo foram realizados levantamento bibliográfico e análise documental e anuência da pesquisa *ex-post-facto*. Optou-se por um questionário, como instrumento de coleta de dados, que foi respondido por seis professores de diferentes disciplinas do curso Técnico de Comércio do PROEJA/IFNMG. Para a análise dos dados da pesquisa foi utilizada a Análise de Conteúdo, de Bardin (AC), entendida como uma técnica que visa “obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 41). Os docentes foram identificados pelos códigos P1, P2, P3, P4, P5, P6, para que se mantivesse o seu anonimato.

1 A leitura e o letramento no proeja e a sua influência no desenvolvimento do sujeito

Historicamente o Brasil é permeado por uma política de desigualdade social onde as classes menos favorecidas sempre foram alijadas ao direito a educação básica com formação técnica. Isso se deve as diferenças de oportunidades, uma prática comum dessa nação, onde as pessoas de baixa renda são obrigadas a entrar prematuramente para o mercado de trabalho, abandonando os estudos. Aliado a isso, nunca houve uma política preocupada em ofertar uma educação, a este público, que tivesse como objetivo a formação técnica, humana e científica. O acesso a esse tipo de ensino ocorreu depois de muitas reivindicações e lutas da classe trabalhadora que buscava o “resgate do direito à educação aos trabalhadores excluídos da escola e por outro, a superação de um marco legal constitucional que separava a educação básica da formação profissional” (FRIGOTTO, 2005, p.46).

O PROEJA surge para tentar suprir a carência sentida pela classe trabalhadora, defendendo, como proposta, uma educação que integre a última etapa da educação básica à formação profissional e, como já referenciado anteriormente, destinada aos jovens e adultos que já completaram o Ensino Fundamental, porém, ainda não possuem o Ensino Médio, nem uma profissão técnica de nível médio. Programa que representa uma oportunidade para aqueles cuja trajetória de ensino foi interrompida, proporcionando o resgate da autoestima no sentido de possibilitar a esse público a construção e reconstrução dos saberes escolares.

Pensar na Educação de Jovens e Adultos é ter um novo conceito de alfabetização no qual o educando deve ser visto como um ser capaz de assimilar conhecimentos que o tornarão um cidadão com direitos e deveres, suprimindo a falta de domínio da leitura e da escrita acompanhado do uso precário das habilidades que podem ser adquiridas no ensino básico. Quanto a isso Soares (2003, p. 32) afirma que,

[...] no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de

uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem – o letramento.

Para Freire (1982, p.47), “ a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade, desta forma, a conscientização passa a ser uma espécie de “domesticação dos homens”, ou seja, uma prática para sua libertação.

De acordo com Nascimento (2010), quando falamos de EJA “para promover mudança social na vida dessas pessoas devemos ressaltar a importância dessa prática, uma vez que esses jovens e adultos são desprovidos de bens culturais e possuem condições sociais inferiores”. Os programas que promovem educação possibilitam que esses jovens e adultos sejam alfabetizados e acumulem conhecimentos para que busquem melhores condições sociais, tendo em vista que após a participação em um programa de EJA tornem-se conhecedores de seus direitos.

Jannuzzi (1979) apresenta a importância da educação observando “que quanto maior o nível de educação vivenciada pelo indivíduo maior será o seu desempenho e produtividade no trabalho”. O autor esclarece que a educação não é só importante no desenvolvimento do indivíduo mas, também, necessária para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia que contribuem para o aumento da riqueza das nações; para eficiência da administração e organização que dinamizam a produção na sociedade; para o incentivo da população à inovação e alteração do padrão de consumo; para que a mobilidade social, de modo real, adequado e de acordo com o mérito aconteça para um maior aproveitamento da inteligência; para gerar demanda dos meios de comunicação de massa cuja expressão econômica não se pode negar e para preparar a população para novos empregos gerados pela tecnologia. Portanto, cabe a educação preparar o homem para aumentar sua produtividade, quer seja pela produção de bens culturais quer seja consumindo-os.

Assim, Soares (2002) afirma que a EJA deve ser um compromisso de institucionalização como política pública própria nas modalidades de ensino fundamental e médio, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e transformadores e tornando essa Política Pública um instrumento de desenvolvimento humano e profissional.

Segundo Gadotti e Romão (2006), a educação para jovens e adultos está inserida no que podemos chamar de “Educação Popular”, idealizada através de iniciativas estatais ou particulares que poderiam ser conservadoras ou transformadoras, direcionadas aos interesses populares. O interessante é que o objetivo dessa ideia é a ampliação das redes de acesso ao ensino, gerando, assim, transformações estruturais no interior do sistema educacional e da instituição escola. Entretanto, nem a ampliação da cobertura, nem a discussão da adequação dos procedimentos escolares aos direitos e interesses das camadas populares foram colocadas em debate. Portanto, é evidente a necessidade de avanços na ampliação de possibilidades de escolarização para aqueles que ainda se encontram a margem desse direito.

De acordo com Cruz (2008) o século XX testemunhou uma florescente entrada de jovens e adultos em todo o campo do saber. Entretanto, para que seja possível a permanência desses alunos na escola esta deve se transformar para que possa atender esses educandos, qualificando-os e promovendo mudanças estruturais para atingirem esses objetivos. Para isso não se pode perder de vista a qualidade desse ensino através de intensa observação, tendo em vista a importância dessa modalidade, atentando-se para que a EJA não seja tratada como uma forma complementar ou compensatória do sistema educacional e sim como uma modalidade de ensino elaborada para uma clientela específica.

Neste sentido, chamar a atenção sobre a importância da leitura no PROEJA é destacar o quanto ela é necessária na formação integral do sujeito, pois esse público precisa de uma educação em que a leitura seja trabalhada de forma dialógica e interativa, levando em conta as reais necessidades dos jovens e adultos, baseada em princípios políticos, éticos e epistemológicos que dê condições ao sujeito de viver de forma crítico-constructiva no lugar que se encontra.

O PROEJA tem como política a busca da integração da educação profissional com a EJA, oportunizando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador e, conseqüentemente, a sua qualificação para o mercado de trabalho, numa concepção emancipatória e libertadora. Segundo Freire (1997, p. 59), “a educação não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica.”

Para que isso ocorra é necessário que a educação profissional tenha como meta o trabalho e a formação do cidadão. Para que essa proposta seja de fato concretizada é preciso que o professor tenha como meta principal a formação leitora, pois quando faz a opção por uma educação que privilegia o aluno, sua cultura, seu pensamento, está ajudando a formar o cidadão e tomando uma decisão política.

Diante disso, o professor é o principal agente a contribuir com a formação do aluno leitor, estimulando-o a refletir ao se deparar com desafios e situações de ensino que leve a exercitar o senso crítico, proporcionando a possibilidade do aprender a aprender, uma vez que o ato de ler abre janelas para novas aprendizagens, produzindo bons resultados não apenas no espaço escolar como também na vida social. É preciso que professores do PROEJA agucem a consciência dos educandos para que percebam que são mais do que aprendizes de uma tecnologia, mas também produtores de saberes que trazem consigo experiências de lutas da vida diária e o PROEJA é apenas o começo, porque continuarão a adquirir novos saberes.

Destarte, o trabalho de leitura com os alunos do PROEJA se faz necessário, pois ele exerce um papel significativo na constituição do ser humano, colaborando, entre outras coisas, para aguçar a imaginação, a criticidade e provocar no leitor a vontade de conhecer outras interpretações além das que está sendo sugerido considerar. Aos educandos deve ser proporcionadas condições de aprendizagem concretas, como leitura de textos de diferentes gêneros, partindo da sua realidade, de histórias que lhes são familiares, para que possam descrever, significar e ressignificar a realidade, agindo criticamente e transformando-a.

2 Práticas de leitura desenvolvidas no Curso Técnico em Comércio do PROEJA/IFNMG Campus Januária

Para Bueno (2006), o perfil do professor e a sua experiência docente é atributo fundamental na melhoria da qualidade do ensino. Desta forma, procurou-se, primeiramente, conhecer se os professores possuíam experiência anterior na docência da EJA e se

já haviam realizado algum curso para atuar na EJA. Os resultados apontaram, com relação a este questionamento, que todos possuíam experiência no ensino regular, mas que não acumulavam experiência na EJA nem haviam feito cursos específicos ou participado de capacitação para atuar nesta modalidade de ensino.

Uma vez que as experiências dos professores podem contribuir com a dinâmica das aulas, cabe considerar que os conhecimentos considerados pertinentes para a construção de novos saberes pelos educandos estão sendo gerenciados pelos professores da EJA/PROEJA no dia-a-dia de sua prática pedagógica. Sendo assim, ressentem-se da falta de formação que possibilite ao professor garantir a importante relação teoria-prática, necessária considerada tão importante para o bom desempenho docente.

Conforme resposta sobre a contribuição dos cursos de licenciatura para a formação de professores leitores, os docentes responderam que, infelizmente, não tiveram essa contribuição nos seus cursos. A partir das respostas, transcritas a seguir, foi possível identificar que durante a formação eles liam somente capítulos de livros, ou textos xerocados, das diversas disciplinas, para realizar as avaliações, ou seja, liam somente para cumprir a meta de cada disciplina.

Na faculdade eu lia para fazer as provas, afinal tinha que dominar o conteúdo, demonstrar o conhecimento nas avaliações para ser aprovado no final do período (P1).

Os professores sempre falavam sobre a importância de ler muito para conseguirmos dominar o conteúdo que iríamos trabalhar em sala de aula quando nos formássemos. Exigiam assim que lêssemos os conteúdos trabalhados em sala de aula, propunham discussão dos mesmos para que pudéssemos aprender e demonstrar este conhecimento nas avaliações e em nossas falas durante os momentos de discussão coletiva dos temas (P5).

Ao analisar as respostas dos docentes evidencia-se que no curso de formação de professores houve destaque do caráter obrigatório da leitura voltada sempre para a realização de atividades avaliativas e/ou específicas para a disciplina ministrada por cada

docente, inibindo ou eliminando as possibilidades de realização de leituras de outra natureza, práticas normalmente repetidas pelos docentes em suas aulas no PROEJA.

2.1 Prática pedagógica para leitura e letramento no PROEJA

De acordo com Kleiman (2011), a leitura é um processo no qual ocorre o encontro do locutor com o interlocutor através do texto; processo que se encontra sempre mediado pelos contextos linguístico, textual, pragmático-discursivo e que decorre de uma concepção mais ampla de linguagem como interação entre sujeitos em sociedade, também denominada sociointeracionista. Tendo como base estes pressupostos, procuramos compreender como ocorreu a prática da leitura no curso investigado.

Os docentes foram questionados sobre a quem caberia a responsabilidade de trabalhar a leitura com os alunos. Somente um dos docentes (P6) considerou que o ensino da leitura é de obrigação dos professores de português, justificando que “muitas disciplinas não disponibilizam carga horária para desenvolver esta atividade. “A minha, por exemplo, são apenas 2 horas/aula, outras têm apenas 1 hora/aula semanal” (P6). Opinião que vai contra o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997) que orientam ser necessário, algumas vezes, os professores se desprenderem da leitura do conteúdo específico de suas disciplinas para “considerando a multiplicidade de conhecimentos em jogo nas diferentes situações, pode tomar decisões a respeito de suas intervenções e da maneira como tratará os temas, de forma a propiciar aos alunos uma abordagem mais significativa e contextualizada”.

Cinco dos seis professores (P1; P3; P4, P5 e P6) declararam ter consciência da importância da leitura para a formação e exercício da cidadania, no mundo competitivo atual e, visando promover a formação integral dos alunos do PROEJA, consideram que o desempenho da competência leitora deve ser priorizada em suas aulas.

Neste estudo o baixo nível sócio-econômico, o cansaço, o desinteresse, a ausência dos alunos, tudo isso aliado a falta de suporte institucional foram fatores que apareceram como grandes problemas para a realização do trabalho do professor no PROEJA.

Privados do direito a educação escolar por muito tempo, o trabalhador, normalmente aluno da EJA, ainda sofre as consequências da formação de uma sociedade que continua “trazendo graves consequências sobre o comportamento da população e principalmente impossibilitando o seu acesso às oportunidades de participação cultural e educacionais (MOURA, 1999, p. 69).

Foi possível comprovar que o discente do PROEJA, no contexto analisado, apresentou realidades e características diferentes dos discentes que fazem parte da modalidade regular de ensino, o que acaba interferindo no seu desempenho escolar, demandando dos seus profissionais uma urgente transformação no sentido de aprimorar as metodologias e adaptar o currículo para obter melhores resultados. Essas diferenças encontradas com os discentes do PROEJA, de acordo os docentes, dificulta o investimento com trabalhos de leitura mais elaborados, conforme declaração de P6: “mal consigo trabalhar o conteúdo da minha disciplina já que os alunos apresentam grandes dificuldades para entender a matéria trabalhada”.

Considerando que o professor desempenha o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno e conforme a afirmação do docente P6, no parágrafo anterior, surgiu a necessidade de questionar aos docentes como eles definem o leitor do PROEJA e como desenvolvem, em sua prática diária, o trabalho com a leitura. Os professores responderam que compreendem a formação leitora de forma crítica e autônoma e como um dos objetivos do PROEJA. E como resultado dessa formação eles definem que o leitor deve ser “aquele que tem a capacidade de compreender a ideia que está sendo transmitida no texto, seja para discordar, concordar ou simplesmente refletir acerca dela” (P3) ou como “o leitor que tem a capacidade de ler, interpretar, criticar e tomar decisões a partir da leitura de um texto” (P5).

Tanto no discurso quanto na prática pedagógica foi possível detectar através de dois docentes (P3 e P4) a existência de uma relação significativa entre a leitura e a aprendizagem, mas com prioridade para atividades de formação para a cidadania, como demonstrado nas suas respostas:

[...] além de permitir a aprendizagem do conteúdo, considero que o trabalho com a leitura proporciona aos alunos a formação para a cidadania, pois os textos dos livros que trabalhamos sempre têm alguma mensagem que serve para eles usarem no seu dia, seja no trabalho ou na sua vida social” (P4).

[...] um cidadão, inserido em uma sociedade, deve exercer os seus direitos e deveres, deve participar dos processos decisórios do país, e, para isso, é importante a leitura, leitura de símbolos, códigos, placas informativas, textos, enfim, de algum tipo de leitura (P6).

Para os seis professores que participaram deste estudo, o ensino de leitura não é algo que deveria ser priorizado no planejamento de suas aulas, mas afirmaram a necessidade de realizar um trabalho com o objetivo de ensinar a ler. Quanto aos momentos em que exploraram a leitura, todos os seis docentes informaram que recorreram a este recurso pedagógico para que os discentes aprendessem a interpretar, escrever e produzir textos e por reconhecerem o potencial da leitura para despertar o interesse e proporcionar a aprendizagem.

Com relação a presença do trabalho com a leitura no planejamento da escola, segundo todos os docentes, este trabalho está determinado como uma das estratégias de ensino do curso Técnico em Comércio do PROEJA/IFNMG, principalmente por proporcionar apoio na formação dos alunos e no seu equilíbrio emocional, por essa razão utilizam os textos didáticos. Os docentes observaram que este tipo de atividade incentivava o desejo por ouvir histórias, despertava a vontade de ler e outras atitudes como interpretação dos textos lidos, aspectos importantes quando se refere à socialização dos indivíduos, proporcionando “uma melhor e mais concreta aprendizagem e uma maior reflexão sobre a realidade em que viviam (P1).

Com o objetivo de identificar estratégias e recursos pedagógicos utilizados para o ensino da leitura no Curso Técnico em Comércio/PROEJA-IFNMG – Campus Januária os professores foram questionados sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas. De acordo com eles, os textos relacionados a própria disciplina foram os mais utilizados pois

auxiliavam no entendimento do conteúdo, conforme explicam dois participantes desta pesquisa:

Eu adotava um livro texto que além do desenvolvimento do conteúdo em si, trazia várias seções que incentivavam a leitura. Entre as quais posso destacar: Química e o corpo humano, Química e o ambiente, Química e saúde, Química e indústria, entre outras. Então estas seções eram lidas e posteriormente algumas questões a respeito dos textos eram debatidas (P1).

Eu trabalho os textos da minha disciplina, pois não tenho tempo para trabalhar outros tipos de textos. Aproveito e, quando o texto permite, procuro levar os alunos a refletir sobre a relação do que está no texto com a realidade vivida por eles, mas isto dificilmente acontece porque os textos são muito didáticos e focam sempre nos conteúdos que os alunos têm que dominar para fazer uma boa prova (P6).

Uma das funções da leitura na escola é formar cidadãos letrados capazes de decodificar, com compreensão, palavras, frases e textos escritos, e como escreveu Sorrenti (1994) é também uma forma de capacitar as pessoas para aprenderem a pensar, a refletir sobre a realidade e a conhecer a si mesmo. Enfim, é uma maneira de formar cidadãos críticos e cientes da realidade e capazes de compreender os diferentes textos que estão a nossa volta. Para isso é preciso organizar o planejamento pedagógico de maneira que o aluno possa vivenciar as diferentes modalidades de leitura: ler para se informar, estudar, escrever ou revisar o que produz, para resolver problemas do cotidiano, para se divertir, o que parece nunca ter ocorrido neste curso, onde a relação com a leitura possuía fins meramente didáticos.

O ensino da leitura exige também uma técnica, sendo assim, “a escola deve se organizar em função de um novo conceito de leitura, que supõe a adoção de um novo processo de aprendizagem” (BARBOSA, 1994, p. 141). Um processo que capacite os alunos para o domínio dos conteúdos escolares e, também, para a formação de leitores que superem a capacidade de decodificação de códigos escritos, desperte o prazer de ler e promova

a leitura do mundo, pois como destaca Freire (1982) os alunos precisam relacionar o que está sendo lido com a sua própria vida, com as suas ações e sentimentos.

Existem vários tipos de textos e cada um deles demanda um ritmo de leitura próprio, por isso a importância de proporcionar aos nossos alunos atividades de leitura oral, debates, discussão sobre os textos lidos. Alguns docentes os afirmaram não ampliar as leituras para além dos textos do livro didático por eles utilizado. Como descreveu um dos professores (P6): “O trabalho com leitura não tinha como objetivo usar este recurso didático para desenvolver a competência leitora dos alunos, mas que eles conseguissem aprender o conteúdo que eu trabalhava em sala de aula”.

Freire (1998) nos chama atenção sobre a importância da leitura na EJA, ressaltando que o acesso à leitura é um direito dos alunos e uma forma deles adquirirem o conhecimento sobre os diversos tipos de textos que circulam na sociedade. Prática que é adotada pelo Docente P4, que não comunga a ideia de somente utilizar os textos do livro didático, conforme afirmou, “procuro sempre trabalhar os diversos tipos de texto, pois reconheço a importância deste conhecimento para a formação mais completa e crítica dos alunos jovens e adultos que frequentam o curso técnico de Comércio do PROEJA”. Neste curso, mesmo valorizando o trabalho com leitura, o debate e a discussão de textos dissertativos e instrucionais eram as formas de trabalho adotadas, sobretudo, com o objetivo de avaliar os alunos.

Percebe-se, a partir das respostas dos professores sobre o trabalho realizado com a leitura que, “no mais das vezes, a prática pedagógica “normal” não passa por uma definição de interesse de seus agentes (professores, alunos, a comunidade em que estes se inserem e a classe social a que pertencem)” (BRITO, 1997, p. 104). O trabalho de leitura era adotado simplesmente com a finalidade de repassar informações de um determinado conteúdo e não com o objetivo de construir e ampliar o conhecimento dos alunos.

Ainda sobre as práticas pedagógicas para o ensino de leitura no curso técnico em comércio do PROEJA/IFNMG – Campus Januária, apesar de não desenvolverem práticas com este objetivo específico, os professores sempre dedicavam alguns momentos para o

trabalho de leitura quando os alunos “[...]tinham a oportunidade de ler os textos do conteúdo trabalhado e desenvolver as atividades. Acho que isso contribuiu muito para a formação dos alunos, pois assim eles tinham a oportunidade de desenvolver a capacidade de pensar e fixar o conteúdo” (P6).

No entendimento de Solé (1998, p. 72) formar leitores consiste em capacitar quem lê para “interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes”, ou seja, capacitar os alunos para fazer uso do que lê para enfrentar os desafios de sua vida social e profissional. Desafio que deve ser enfrentado pelos professores a partir da implementação de atividades que capacitem os alunos para que consigam buscar e selecionar informações que possibilitem o entendimento do texto lido, a partir de seu conhecimento de mundo, ou da ativação do conhecimento prévio sobre o assunto. Postura que poderá resultar em um ensino de leitura produtivo que contribuirá para o entendimento do que é lido, para a formação de leitores proficientes e motivados a querer ler cada vez mais.

Ao serem indagados se a prática pedagógica no curso Técnico em Comércio do PROEJA conseguiu atingir os objetivos traçados, no que diz respeito à prática da leitura, os professores, como demonstram as respostas transcritas a seguir, consideraram que:

Não foi muito bom. Esperava que eles fossem capazes de entender melhor o que liam, mas a dificuldade era muito grande. A falta de base para ler e interpretar textos que eles apresentam é muito grande, seria preciso um trabalho específico com o objetivo de auxiliá-los a vencer estas dificuldades, e a carga horária das minhas aulas não permitem que eu dedique um tempo somente para isso (P2).

Eu acho que esse não era um objetivo da minha disciplina, por isso acho que o trabalho que desenvolvi com a leitura dos textos do livro não visaram a fluência na leitura. Mas acho que serviu para que eles entendessem o conteúdo e demonstrassem isso nas avaliações que fizeram durante o curso (P4).

Para Soares (2004, p. 25), o trabalho com a leitura na EJA quase sempre fica prejudicado porque normalmente tem como objetivo o acesso ao mundo da escrita a partir de uma alfabetização que consiste basicamente na decodificação/codificação de símbolos, ou seja, ao desenvolvimento de uma leitura mecânica mesmo porque “[...] ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor”.

As dificuldades, ou “falta de base para ler e interpretar textos”, conforme o docente P2, foi outra justificativa para que não se alcançasse um melhor resultado. Resposta que demonstra mais uma vez as conhecidas deficiências do sistema escolar regular público, pois de acordo com os dados estatísticos divulgados no Relatório Educação Para Todos no Brasil 2000-2015, mesmo os alunos que cursaram os anos iniciais do ensino fundamental na idade regular, apresentam comprometimento no processo de leitura e interpretação, não conseguindo atingir níveis satisfatórios nesse quesito (BRASIL, 2014).

A deficiência do sistema escolar público é citada, pelos docentes, como responsável para que os discentes do PROEJA não se tornassem leitores fluentes. Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) esta deficiência é responsável, também, pela demanda de alunos para programas de educação para jovens e adultos, que nem sempre vêm acompanhados de melhoria nas condições de ensino, o que faz com que a maioria dos que concluem a EJA saiam da lista de analfabetos anualmente divulgadas pelo governo federal e entrem na lista dos analfabetos funcionais. Situação que Haddad, Di Pierro (2000) atribuem em parte ao uso equivocado de estratégias e metodologias de ensino para atender as necessidades específicas de aprendizagem dos alunos e à descrença dos professores no potencial de aprendizagem deste público, o que faz com que atuem, normalmente, com baixo nível de exigência, inclusive de frequência e participação nas aulas.

Considerações finais

Ao finalizar este estudo foi possível concluir que a pesquisa *ex-post-facto* foi uma opção acertada, pois ela oportunizou a compreensão das práticas de letramento utilizadas pelos docentes que trabalharam com diferentes disciplinas no PROEJA, no contexto do Curso

Técnico em Comércio do IFNMG, Campus Januária, uma vez que por ser realizada após a ocorrência de um fenômeno possibilita que os resultados alcançados possam ser analisados e servirem como direcionadores de novos percursos a serem trilhados e, consequentemente, impulsionadores de mudanças de atitudes, principalmente por parte dos professores a quem cabe apontar caminhos, despertar interesses e motivar os alunos.

O exame da teoria sobre a concepção e trajetória do PROEJA, a atuação docente e a prática de letramento na EJA/PROEJA demonstrou que o Proeja é uma política pública de inclusão social que surgiu como uma proposta de integração profissional ao ensino médio e busca a superação da dualidade entre trabalho manual e intelectual, pois além da formação geral direciona para a preparação para o trabalho.

O letramento no PROEJA, conforme a literatura pesquisada, é um meio que os professores dispõem para proporcionar aos alunos a aquisição de informações e o desenvolvimento de reflexões críticas sobre a realidade em que vivem. Pela sua importância, o aprendizado da leitura com enfoque no letramento deve ser uma tarefa contínua e permanente, pois através de uma prática leitora adequada o aluno adquire novas e importantes habilidades e constrói novos conhecimentos. A leitura é uma aprendizagem necessária para a formação integral do sujeito, e esta estratégia deve ser trabalhada de forma dialógica e interativa no PROEJA e sempre observando as reais necessidades dos alunos jovens e adultos. No curso analisado a ênfase foi dada à leitura mecânica, não sendo encontradas, pela quase totalidade dos professores, práticas de letramentos que visassem conduzir os alunos a estágios progressivos na compreensão do que liam, ou seja, não foi desenvolvido um trabalho propício à formação do leitor crítico e autônomo. Esta conduta dos professores em relação ao ensino da leitura talvez esteja associada à formação inadequada dos docentes para assumirem a sala de aula na EJA/PROEJA e os desafios que a regência nesta modalidade de ensino demanda.

Na prática pedagógica dos professores investigados também não foi possível detectar a existência de uma relação significativa entre a leitura e a aprendizagem, mas uma forte tendência na preparação dos alunos para a realização de atividades avaliativas.

Destacamos o fato dos docentes não terem formação específica e consistente para atuar na EJA, buscando, cada um, por iniciativa própria suprir esta carência, através de troca de experiência com colegas que também não receberam esta formação nos seus cursos de licenciatura. Os cursos de formação de professores também não contribuíram para a formação do professor leitor. Neste sentido, conclui-se pela necessidade do IFNMG investir na qualificação docente, observando a importância deste trabalho e incentivando os professores das diversas áreas para o uso da leitura aliada ao letramento como estratégia do processo ensino-aprendizagem.

PRATICAS DE LETRA E LECTURA: CONTRIBUCIONES EN LA FORMACIÓN DE LA AUTONOMÍA Y CRITICIDAD DE LOS ALUMNOS EGRESADOS DEL PROEJA / 2015 - IFNMG CAMPUS JANUÁRIA-MG

RESUMEN: Esta investigación del tipo ex-post facto buscó comprender las prácticas de letra utilizados por los docentes que impartieron clases en diferentes disciplinas en el PROEJA, en el contexto del Curso Técnico en Comercio del Instituto Federal del Norte de Minas Gerais - IFNMG, Campus Januária, en 2015. Se destacó la gran responsabilidad del Instituto en cuanto al letra y la posibilidad de formación de futuros lectores, cuestionando las prácticas utilizadas por los docentes, la relación de estas prácticas con la práctica docente, las condiciones creadas para tal fin y la capacidad de fomentar en los alumnos la criticidad en relación con el mundo y la propia lectura y escritura. Como instrumento para la realización de esta investigación se optó por el cuestionario, instrumento aplicado a seis (6) docentes del curso Técnico en Comercio del IFNMG, Campus Januária - MG. El análisis de contenido, propuesto por Bardin, fue utilizada para analizar los resultados de la investigación que nos apuntó fragilidades con relación al conocimiento de letra, por los docentes y, por consiguiente, el trabajo realizado en el aula. La percepción de letra en la perspectiva de la práctica social, de manera restringida para los docentes, señala que no se desarrollaron discusiones y trabajos que propiciasen la formación de lectores.

PALABRAS CLAVE: Letrado; Prácticas de lectura; Proeja.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1994, 2ed.rev - (coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor; v.16).

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>. Acesso em 11.Jan. 2016.

BRASIL.. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 e 42 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 18/abr./1997

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Relatório Educação Para Todos no Brasil 2000-2015*. Brasília – DF: MEC, 2014.

BUENO, Belmira Oliveira, Viver a Profissão Pensar a Formação: Contribuições dos Estudos com Histórias de Vida de Professores. In: PIOTTO, Débora Cristina. (org). *Anais da 3ª semana da educação: A Profissão Docente em Debate*. Ribeirão Preto/ SP: Legis Summa. 2006. p. 96.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: CANDAU, Vera M; MOREIRA, Antonio F. (org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.182-211.

CRUZ, R. M. R. Limites e possibilidades das tecnologias digitais na educação de jovens e adultos. In: Reunião Anual da ANPED, out. 2008, Caxambu. *Trabalhos apresentados...* Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT18-5049--Int.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

CUNHA, Luiz Antônio. *O Ensino Profissional na Irradiação do Industrialismo*. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Flacso, 2000.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1987.

DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. *Cadernos Cedes*, ano XXI, n.55. Nov. 2001.

FERRÃO, Luís Barata. *Formação Pedagógica de Formadores*. 4 Ed. Lisboa: Porto Editora, 2004.

FERRAREZI, J. C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 48. ed. São Paulo: Cortez,1982.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. 25ª.ed, São Paulo: Paz na terra, Coleção leitura,1997.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1998.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.157.

FRIGOTO, Maria Ciavatta Gaudêncio. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? *Trabalho, Educação e Saúde*, 1(1):45-60, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/05.pdf>. Acesso em: 12.out.2016.

GÜNTHER, Hartmut. Como elaborar um questionário. Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais. N. 1. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2003.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. *Escolarização de Jovens e Adultos*. Revista Brasileira de Educação, mai-ago, número 14. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, 2000.

JANNUZZI, Gilberta Martino. *Confronto pedagógico*: Paulo Freire e MOBRAL. São Paulo: Cortez, 1979.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura*. Campinas/SP, Pontes, 9ª ed., 2011.

MARDEGAN, Flávia. Aprendizagem informal: como os indivíduos aprendem em seus locais de trabalho? Disponível em:

<http://www.abd.org.br/abd/f01/docs/artigos/2013/260313/aprendizagem-informal.pdf> > “Postado em” 2013. Acesso em: 02 maio 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2000.

MOURA, T. M. de M. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky*. Macei: EDUFAL, 1999.

NASCIMENTO, V. B. *A educação de Jovens e Adultos – EJA como mudança no cotidiano do aluno*. 2010. TCC (Graduação em Pedagogia) Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2010.

NÓVOA, Antonio. Professor se Forma na Escola. “Postado em” 2001. “Acesso em 13 maio 2016”.

NUNES, Izonete; PEREIRA, Maria Pinheiro; SANTOS, Maria Selma Vieira dos; ROCHA, Jeane Maria Freitas. A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney. Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta. v. 2, n. 2, 2012.

RODRIGUES, Neidson. A Escola necessária para os tempos modernos. S.d. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer>. Acesso em: 20 dez 2016.

SANTOS, Arlete Ramos; VIANA, Dimir. Educação de Jovens e Adultos: Uma Análise das Políticas Públicas (1998 a 2008). In: SOARES, Leôncio. (org). Educação de Jovens e Adultos/ O que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica. 2011, p.275 (coleção estudos em EJA).

SILVA, Maurício da. *Repensando a Leitura na Escola – Um Outro Mosaico*. Niterói, RJ: EDUFF/Diadorim, 1995.

SILVA, L. R. S.; REIS, M. B. F. Educação Inclusiva: O Desafio da Formação de Professores. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, v. 3, n.1, mar. 2011.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.

SOARES, Leônicio José Gomes. A educação de jovens e adultos – momentos históricos atuais. *Revista Presença Pedagógica*, v.2, n. 42. Set/Out. 2002.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SORRENTI, Neusa. Leitura, como diria Chico Buarque, para todos. In: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Caderno de Ação Cultural Educativa*. Coleção Desenvolvimento Curricular. Belo Horizonte: DDEC, 1994. p. 19-21.

THERRIEN, Jacques. O Saber do Trabalho docente e a Formação do Professor. In: NETO, Alexandre Shigunov (org). Reflexões sobre a formação de professores. Campinas, S P: Papyrus, 2002, p.192.

VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico *Cadernos Libertad-1*. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, I. P. A. e SILVA, E. F. da.(org.) *A escola mudou*. Que mude a formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

Recebido em: 13/09/2018.

Aprovado em: 12/02/2019.